

Quando me descobri negra: obra inaugural de literatura de Bianca Santana

RESUMO

Angela Maria Rubel Fanini
E-mail: rubel@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica
Federal do Paraná, Curitiba,
Paraná, Brasil

Este artigo se debruça sobre a obra *Quando me descobri negra* de Bianca Santana, autora negra da contemporaneidade. Em sua obra de estreia na literatura, Santana traz as vozes dos outros e de si mesma, tratando das mais variadas situações racistas cotidianas em nosso país. A obra se passa em espaços diversos (academia, locais de trabalho; casas privadas; bares; restaurantes; comunidades; ruas; livrarias), agregando personagens de classes sociais díspares, comprovando, com isso, que o racismo está em toda parte. Todavia, a obra também destaca o poder de resistência de personagens negros e negras em sociedade inóspita. Explicita-se que o escravismo econômico já não é vigente, mas a cultura escravocrata perdura em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Resistência. Literatura Brasileira. Bianca Santana.

INTRODUÇÃO AO CORPUS DA PESQUISA

Este artigo faz parte de uma pesquisa intitulada “A construção discursiva do trabalho escravo e de descendentes de africanos em obras da literatura brasileira”, procurando entender como as vozes literárias, plasmadas nas diversas personagens de narrativas nacionais, são poderosos meios de conhecimento da vida, da família, do trabalho, dos espaços de sociabilidade de seres humanos escravizados, sobretudo, advindos do continente africano, e de seus descendentes em solo brasileiro.

Esta pesquisa se insere em um contexto maior em que a investigadora transita, ministrando aulas, palestras e seminários sobre a questão cultural negra no Brasil, em programas de pós-graduação e formação de professores. A análise de obras literárias é o foco dessa pesquisa maior, entendendo que a literatura é um meio de conhecer o real, pois o texto literário parte das vozes e situações concretas históricas que migram para o interior do texto. O âmbito estético se institui a partir da organização discursiva do cotidiano em que as vozes sociais existem em sua concretude. A escolha pela questão negra se alia, sobretudo, ao fato de a pesquisadora trabalhar com público de professores interessados em ampliar o leque de leitura de seus alunos.

Acreditamos que a literatura que trata da escravidão africana e da resistência negra deva fazer parte desse contexto de leitura, fortalecendo a literatura como uma prática social que conta boa parte de nossa história e identidade nacionais em que os africanos e seus descendentes são importantes atores, tanto no âmbito econômico quanto cultural.

A partir do âmbito literário é possível verificar como os escritores brasileiros veem o universo extraliterário e como o fazem migrar para o interior do mundo discursivo, representando-o de diversas maneiras que se constituem simultaneamente em uma visão peculiar de cada escritor e, também, em uma certa episteme referente a determinados contextos sociais e temporais. Essa representação se dá a partir de diversos ângulos em que afloram variadas ideologias a que os escritores estão vinculados.

Temos nos debruçado sobre a representação do homem negro e da mulher negra na Literatura Brasileira e investigamos vários romances em que as personagens protagonistas e secundárias vivenciam o mundo familiar, o universo laboral, o âmbito sentimental, em cenário escravista e escravocrata¹. Fizemos² já, algumas análises de narrativas nacionais em que avulta a questão de seres humanos escravizados. Investigamos a peça *Mãe*, de José de Alencar, cuja protagonista é Joana, mulher negra escravizada que é bastante ativa socialmente; o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que conta com várias personagens negras em pleno regime escravista e que se fazem atuantes em seu meio; o romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo em que a personagem Bertoleza, escrava, e outras descendentes de escravos, também são de extrema importância para a fábula, trabalhando e gerenciando suas vidas; o romance *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus que conta a saga de uma mulher descendente de escravos na atividade laboral cotidiana e na lida para sustentar a si e à sua prole em âmbito da comunidade em que vive. Neste bojo, seguindo certa linha de raciocínio em que se destaca a agência e não a passividade de personagens escravizadas e de seus

descendentes, nos debruçamos, agora, na obra *Quando me descobri negra*, texto literário vencedor do Prêmio Jabuti em 2016, na categoria "Ilustração", com projeto gráfico de Mateus Velasco, da escritora Bianca Santana (São Paulo, 1984).

O objetivo desta pesquisa, no contexto maior aqui mencionado, em que temos lido e investigado obras brasileiras que tratam da condição africana no Brasil e de descendentes de seres humanos escravizados, é de reler obras já clássicas com um novo olhar, focalizando as personagens negras e seus destinos e lutas a fim de demonstrar a visão de mundo dos escritores e escritoras sobre essa parte de nossa História Nacional.

A literatura trabalha com o referente histórico e plasma discursivamente o que é vivido e observado pelos intelectuais escritores. A crítica literária tem, cada vez mais, levantado essa temática que ficou por longas décadas sendo pouco focalizada. Maria Firmina dos Reis, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Lima Barreto, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Graciliano Ramos, Jose Lins do Rego, Clarice Lispector e os contemporâneos Luiz Rufatto e Roniwalter Jatobá podem ser lidos e relidos sob essa perspectiva, ampliando o contexto de leitura sob novo prisma. Entretanto, não somente uma releitura dos clássicos é percorrida, mas também vimos a necessidade de ler novos e novas escritores(as) que discorrem sobre a questão negra, como é o caso de nosso foco, neste artigo, em Santana.

A resistência negra no Brasil sempre foi uma constante ao longo de 4 (quatro) séculos de segregação racial. Fugas, alforrias, negociações, suicídios são relatados pela historiografia nacional, comprovando-se esse embate³. Os movimentos negros brasileiros se fortalecem no século XX e XXI e a legislação abriga a obrigatoriedade do ensino sobre a cultura negra no país. Os movimentos civis de resistência negra tem se intensificado, sobretudo do ano de 2000 até o presente momento no Brasil. Conquistas legais são tributárias desses movimentos, tais como: Instituição oficial do Dia da Consciência Negra (20 de novembro); Lei 10.639/2013 que trata da obrigatoriedade da discussão da história e da cultura afro-brasileiras nos currículos escolares da rede pública de ensino e a Lei 12.711/2012, que criou as cotas raciais para ingresso em cursos superiores, aos poucos assimiladas nas universidades do país (federais, estaduais e particulares).

Esta pesquisa, que focaliza a obra de Santana, se insere neste cenário, objetivando ampliar esse necessário campo de estudo. A sala de aula é espaço privilegiado para essa discussão, auxiliando a formar uma cidadania comprometida com a causa negra. A análise específica da obra de Santana segue essa diretriz e persegue este objetivo, que é a formação cidadã no tocante à questão negra brasileira visto que se vincula à formação de professores e pesquisadores.

Santana é bastante jovem e doutorou-se em Ciência da Informação, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), pesquisando a memória e a escrita de mulheres negras. Investigou os usos das tecnologias digitais na educação de pessoas jovens e adultas, no Mestrado em Educação, na Faculdade de Educação também da USP. Foi professora da Faculdade Cásper Líbero e da Pós-graduação em Jornalismo multimídia na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Em seu currículo também consta ser uma das fundadoras da Casa de Lua, Organização Feminista e da Casa da Cultura Digital, onde coordenou projeto de

recursos educacionais abertos. É associada da Sempre Viva Organização Feminista (SOF).

A obra em tela, *Quando me descobri negra*, organiza esteticamente experiências pessoais da autora, mas também trata da vida de várias outras mulheres negras brasileiras, trazendo importantes relatos sobre a vida em contexto inóspito para os e as descendentes de seres humanos escravizados. A escritora fala de si, sobre o que viveu, mas também, nos traz outras falas que ouviu no decorrer de sua vida. O livro é bastante curto, perfazendo 96 páginas e distribuído em 3 partes, das quais temos: Parte 1: “Do que vivi”; Parte 2: “Do que ouvi”; Parte 3: “Do que pari”. São falas e situações do cotidiano, sobretudo de mulheres negras, relatando como sofreram e resistiram ao preconceito racial e de gênero. A linguagem vai narrando, relatando, descrevendo, destacando situações reais que os leitores também já presenciaram ou vivenciaram. Nesse sentido, é um livro de teor realista, seguindo o que outra escritora negra já enfatizou, ou seja, a escrevivência. Esse termo foi primeiramente usado por Conceição Evaristo⁵, escritora já consagrada nas Letras Nacionais, para explicar a sua escrita em que a vida e a literatura caminham entrelaçadas.

O âmbito literário não é algo inventado, sem referência, mas ao contrário, parte da existência, sendo um discurso crítico e axiológico sobre o viver. Nesse caminho, a literatura é fonte de conhecimento e de reflexão sobre a realidade. A literatura é um discurso de resistência, trazendo situações reais representadas e organizadas esteticamente. O livro em estudo recebeu o seguinte comentário de uma de nossas mais proeminentes pensadoras brasileiras da atualidade, Djamila Ribeiro⁶, que tem estudado a questão negra na sociedade brasileira:

“Tenho 30 anos, mas sou negra há dez. Antes, era morena.” É com essa afirmação que Bianca Santana inicia uma série de relatos sobre experiências pessoais ou ouvidas de outras mulheres. Com uma escrita ágil e visceral, denuncia com lucidez – e sem as armadilhas do discurso do ódio – nosso racismo velado de cada dia, bem brasileiro, de alisamentos no cabelo, opressão policial e profissões subjugadas. Quando me descobri negra fala com sutileza e firmeza de um processo de descoberta inicialmente doloroso e depois libertador. Bianca Santana, através da experiência de si, consegue desvelar um processo contínuo de rompimento de imposições sobre a negritude, de desconstrução de muros colocados à força que impedem um olhar positivo sobre si. Caminhos que aos poucos revelam novas camadas, de um ser ressignificado. Considero este livro um presente, é algo para se ter sempre às mãos e ir sendo revisitado. Bianca, ao falar de si, fala de nós. (RIBEIRO, 2019).

Trataremos da obra em questão, a partir de um viés da análise do discurso, procurando entender como o discurso literário da Santana organiza a sua voz pessoal e também as vozes de outras mulheres, investigando o lugar de fala, a situação imediata, o contexto histórico brasileiro de longa duração referente à vida negra, o interlocutor, a intencionalidade discursiva e as temáticas que se repetem. Para tanto, nos embasamos nas obras de Mikhail Bakhtin e do Círculo Russo para entendermos, sobremodo, a articulação entre vida e obra, o eu e os outros, o

presente e o passado históricos, o real e a sua mediação e organização a partir das palavras.

Bakhtin é teórico russo do século XX e, com seu círculo de estudiosos, publicaram inúmeras obras sobre Filosofia da linguagem de orientação materialista-dialética. Esses pensadores, liderados por Bakhtin, escreveram sobre as relações entre as palavras e a realidade, tomando, sobretudo, o texto literário como exemplo. Para esses estudiosos, a linguagem, ao circular socialmente, se constitui em discurso, estruturando-se como ação interventora uma vez que abriga uma posição axiológica sobre o assunto de que trata. Não há enunciação discursiva neutra, mas sempre situada ideologicamente. O emissor, ao falar e escrever, se posiciona politicamente, ou seja, explicita sua posição ideológica. Não citaremos apenas uma ou outra obra, pois para entender o pensamento do Círculo é necessário percorrer toda a obra e entender, sobretudo, a visão materialista sobre a linguagem em que se destaca o seu contexto social concreto. Todo ato enunciativo é uma resposta de seu emissor a questões candentes históricas e do cotidiano. Na perspectiva de Valentin Volóchinov que seguimos, temos: que “A enunciação artística, isto é, a literária, é tão sociológica quanto a enunciação cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2013, p.156).

Desse modo, com esse fundamento, traremos as vozes que constituem a obra de Santana, entendendo que são posições axiológicas de sujeitos concretos históricos sobre o que vivem e observam. No contexto da obra, o cenário racista brasileiro enforma as situações narradas e organiza as respostas presentes nas falas das personagens. A obra demonstra que as personagens que ali afloram vão tomando consciência de si e de sua negritude mediante o embate com o outro e sua cultura. A identidade negra vai se fortalecendo em confronto com o mundo dos brancos. Nas palavras de Bakhtin, temos essa dialogia em que tanto o eu quanto um determinado grupo, em confronto com outrem, aclara a sua particularidade e identidade:

A cultura alheia só se revela em sua completude, em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia a novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. (BAKHTIN, 1992, p. 367-368).

A voz da autora Santana se defronta com vozes alheias, percebendo sua diferença étnica e cultural. O mundo dos brancos é diverso do universo dos negros. A escritora vai organizando essas vozes em situações narrativas verídicas em que o embate esclarece as diferenças e fortalece o sentido de classe. Também abriga vozes que não são as suas, mas muito próximas ideologicamente. Na base do si, está sempre o coletivo. Nessas dissonâncias e aproximações, Santana vai construindo um si que é também um nós. Nas palavras de Bakhtin, esse fenômeno ocorre dessa maneira:

Em essência, para a consciência individual, a linguagem enquanto concreção socioideológica viva e enquanto opinião plurilíngue coloca-se nos limites de seu território e nos limites do território de outrem. A palavra da língua é uma palavra semialheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva. (BAKHTIN, 2010, p. 100).

CONCEITUAÇÃO

A primeira parte, intitulada “Do que vivi”, se constitui da narração em primeira pessoa de 7 (sete) microcontos em que, situações das mais variadas colocam a autora em confronto social, em que sua identidade negra vai se fortalecendo a cada embate com o mundo dos brancos. Conta sobre sua infância, seu trabalho e sua família, que são particulares, mas simultaneamente, podem ser semelhantes a outras mulheres negras brasileiras. O relato é pessoal, mas as situações são sociais e podem ter sido vivenciadas pelos leitores da obra em suas vidas reais. Seu relato pode ser o relato de tantas outras mulheres em condições semelhantes, comprovando-se que a escrita de si é também uma escrita de nós. Seguindo nossos autores de base, Volóchinov (2017, p. 126) afirma: “o centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo”. Bianca parte de si, de sua história, mas nessa história, abriga outras narrativas semelhantes.

No capítulo “Quando me descobri negra”, a autora inaugura o livro, narrando o processo de embranquecimento pelo qual muitos negros e muitas negras passam. Esse processo se inicia já na família em que a cor negra é amenizada nas falas cotidianas em que se descrevem os sujeitos, chamando-os de morenos e morenas. Essa opção vocabular visa escamotear a genealogia negra, possibilitando um afastamento das origens e uma aproximação ao mundo dos brancos. Além da família, outros espaços sociais também contribuem para esse afastamento das origens, como destaca Santana: “Eu fui branqueada em casa, na escola e na universidade”. (SANTANA, 2015, p.15).

No capítulo 2, “Saudade do que poderia ter vivido”, Santana conta sobre a sua difícil e instigante relação com o pai. O relato nos faz penetrar um pouco em sua infância, em seus sentimentos mais íntimos, em seu amor pelo pai, na falta deste, por motivo de morte, na desagregação familiar, que muitos de nós vivenciamos ou observamos na realidade. O conto nos aproxima, escritora e leitora, irmanando-nos a partir de sentimentos que independem de mirante étnico. A questão da cor desaparece e dá espaço para certa situação existencial e universal, além dos confrontos raciais. A sociabilidade familiar é o foco do conto.

No capítulo 3, “O racismo nosso de cada dia escancarado no meu cabelo”, a autora, parafraseando a oração cristã, traz à luz o padrão de beleza feminino discriminatório. Vozes do cotidiano ouvidas em salões de beleza, em casa, na rua, em aeroportos, são mobilizadas para mostrar o racismo contra a mulher negra. Esse racismo põe em evidência o cabelo que deve ser alisado a fim de escamotear a genealogia negra. O processo de branqueamento se fortalece a partir de práticas reais. Santana discorre sobre a assimilação do racismo pelos próprios negros e

negras, pois almejam incorporar o padrão estético apregoado pelos brancos. Há uma alienação do indivíduo que nega suas origens no afã de pertencer a outro espaço social. Na fala de Santana, temos: “Passei anos ouvindo propostas de cabeleireiros para “arrumar” meu cabelo.” (SANTANA, 2015, p. 21).

Nos outros capítulos, 3. “Nem todo lugar é de preto”, 4. “Que corajosa por vir de turbante!”, 5. “Posso te fazer um pedido?”; 6. “Desmonte”; 7. “Pelo gosto, pela cor e pelo cheiro”, a autora nos traz outras situações racistas pelas quais passou.

Santana mostra como o racismo se constitui de forma sutil em ambientes considerados amigáveis. No trabalho, é questionada pelo uso de turbante, marca de identidade étnica. Na universidade, ao ministrar uma palestra, é confundida com a secretária. O trabalho imaterial e intelectual não pertence a negros e negras. Nosso passado colonial e imperial em que se impedia o acesso à alfabetização e a escolas por parte dos escravos parece que ainda se mantém no imaginário brasileiro. Em lojas e em restaurantes, é vista como uma atendente e não como cliente ou consumidor. Parece que o usufruir e desfrutar de espaços sociais e bens de serviço é algo distante para quem é negro ou negra. O passado escravista é a cada passo reforçado, ocupando o imaginário nacional. O labor compulsório e degradado da época escravista se fortalece mesmo quando já se passaram décadas de abolição. O trabalho, este sim, é o único cenário a eles e elas destinado. Na roda de amigos e amigas, o estereótipo da mulher negra sensual é reforçado. O perfil da personagem Gabriela, cravo e canela, do romancista brasileiro Jorge Amado, é reiterado. Parece que a mulher negra é sempre lembrada em sua sensualidade e não em sua intelectualidade, separando o corpo da mente. Entretanto, Santana nos mostra que são essas situações cotidianas de violência estrutural e arraigada que contribuem para explicitar a sua identidade em confronto com o outro e resistir ao assédio. Todavia, essa resistência é também de sofrimento. Na voz da escritora, narrando que está em um café e é confundida com a atendente: “-Eu preciso de um cardápio. O desejo de responder aos berros que estou esperando minha amiga sair do banheiro pra sumir daquele café onde quem frequenta é branco e quem trabalha é preto. Mas a resposta cordial, tranquila, a seco. – Eu não trabalho aqui.” (SANTANA, 2015, p.34).

Parte Segunda: a voz dos outros

A segunda parte traz vozes alheias, intitulada “Do que ouvi”. São relatos do cotidiano nacional em que o embate racial se intensifica, ora, de modo a trazer mortes físicas, ora a reforçar estereótipos e preconceitos.

Nessa parte do livro, comparecem as classes sociais mais afetadas fisicamente pelo racismo, ou seja, a classe pobre e das comunidades a que a autora não pertence. A comunidade pobre é representada de modo bem sucinto pela violência policial que vitima uma criança negra de apenas 10 (dez) anos. A situação dramática é narrada em poucas palavras contundentes. O que predomina é a ação policial contra os desvalidos. A fim de ilustrar essa situação, a autora formaliza um conto, cujo título é “Alemão”, em alusão a uma comunidade brasileira⁷ bastante acossada pela violência institucional e de guerra entre traficantes. No conto, o menino de apenas 10 (dez) anos morre, na frente da mãe, por um tiro desferido por um policial. O menino estava fazendo o dever de casa, ao chegar da escola. O conto é muito curto, mas a autora consegue, em poucas palavras, individualizar as

personagens e, ao mesmo tempo, generalizá-las. O menino é único, mas também representa muitos meninos semelhantes. A autora, ironicamente, usa o vocábulo “levantou”, por três vezes, para narrar os movimentos do menino. Ele se levanta da mesa para sentar-se perto da mãe; ele se levanta do sofá para estudar em outro canto da casa; ele levanta a cabeça para olhar para o policial na porta de sua casa. Depois de se levantar três vezes, tomba por um tiro.

A infância novamente é palco de um dos contos em que crianças de apenas 5 anos já apresentam comportamento racista, comprovando-se que a cultura contra o negro ocupa as mentes infantis, reforçando-se na sociedade. Para exemplificar essa situação, a autora traz a fala de uma criança negra que se diz morena e xinga uma outra, chamando-a de preta. Esse episódio, com certeza, é um dos mais fortes do livro, pois a infância se mostra maculada pelo racismo estrutural. O conto se intitula “Eu sou morena”. As aspas sinalizam para a voz da pequena personagem que não quer ser negra e profere essa fala se autodenominando “morena”. Porém, os vocábulos também estão entre aspas, remetendo a toda uma voz social que insiste em embranquecer o negro e a negra como já tratado na primeira parte desta análise. A voz da criança é uma voz social que ela repete e reforça o preconceito. Novamente, vemos a alienação do indivíduo de sua etnia, sendo ampliada por ele mesmo.

Também se narram episódios racistas nas academias e nas livrarias, espaços em que deveria haver, em tese, maior respeito à diversidade étnica e cultural. Esses cenários povoam o imaginário racista, afastando a possibilidade de que sejam acessados por negros e negras em busca do saber imaterial. Novamente, o passado colonial e imperial se faz forte e o acesso ao conhecimento formal parece ser distante para negros e negras. A situação a seguir é de uma violência ímpar. Aqui, descreve-se uma mulher negra em uma livraria tentando adquirir um livro para o curso de Enfermagem em que está matriculada. O vendedor, ao vê-la pesquisando na estante de Fisiologia, diz: “-O que você está fazendo? Não viu que esses livros não são para você? Saia daqui! Não tem nada aqui pra você. Sai. Sai.” (SANTANA, 2015, p. 49). O conto se intitula: “Livros para quem?”

Também se destacam os casamentos interraciais como cenários de luta e de desencontros em que o preconceito impera. Filhos advindos dessas uniões só são bem-vistos se o biotipo branco predominar. O olhar impiedoso e racista recai sobre seres frágeis como as crianças. A seguir, uma das falas exemplifica essa situação:

A única preta dos quatro irmãos. Muito bem tratada, exatamente como os demais. Para eles, não havia diferenças. E de fato não havia, não entre irmãos, não entre pais. Mas os olhares de dúvida dos outros eram impiedosos: ‘Nossa, ela também é sua filha?’ (SANTANA, 2015, 63).

As palavras dos outros são assimiladas pela autora que tanto se identifica com elas à medida que sua história pessoal traz pontos semelhantes ao narrado, quanto se destaca delas, visto que as formaliza, dando-lhes completude mediante uma visão exotópica. Bianca colhe essas vozes e as institui enquanto narrativas que recebem um tratamento crítico, demonstrando o quanto o próprio indivíduo marginalizado também reproduz o preconceito de que é vítima. Mediante uma visão destacada que possibilita ver o papel do sujeito assujeitado ao sistema que o condena. Essa consciência crítica possibilita uma leitura engajada na resistência. Seguindo Bakhtin (2000), nossos discursos são plenos de “palavras dos outros,

caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, constituídas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado” (BAKHTIN, 2000, p. 314).

Bianca recupera as vozes de negros e negras advindos do cotidiano nacional e as organiza esteticamente com o fito de demonstrar as limitações discursivas e culturais que funcionam também como cárceres que aprisionam os indivíduos dentro de uma estrutura racista. Mas, também traz para a cena vozes e situações de resistência que empoderam as personagens negras, reforçando a luta empreendida por séculos.

Parte Terceira: entre o eu e o nós

A terceira parte, a autora intitula “Do que pari”, trazendo situações coletivas e particulares entremeadas. As vozes dos outros e a sua se misturam, reforçando-se o sentido de identidade e de pertencimento. No dizer de Bakhtin, temos essa mecânica discursiva em que a enunciação de outrem é assimilada, mas não se neutraliza a subjetividade, permanecendo a tensão entre o eu e o nós: “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2000, p. 381).

Eventos de dor e de resistência são relatados, tendo todos a temática do racismo. Aqui, Santana aventa a possibilidade de se contar outra história sobre a vinda dos africanos ao Brasil. Os relatos deveriam focar na resistência e não na sujeição dos negros e negras. Outro discurso historiográfico poderia ser feito a partir de novos olhares. A autora destaca que a historiografia tem sido pouco criativa e repetida de modo acrítico. Há outros relatos possíveis. Nesse sentido, podemos dizer que o seu relato em *Quando me descobri negra* é já uma alternativa a esses discursos cristalizados. A literatura é também fonte de conhecimento do real. Faz alusão a isso, o conto introdutório desta parte, intitulado “A primeira crônica”, que tanto remete à sua obra em tela quanto aos relatos dos historiadores brasileiros sobre a escravidão. Poderiam ser outros a partir de outros mirantes, quer seja, os olhos da resistência africana. Essa digressão continua no conto denominado “Livro de (que) história?”, em que narra a interpelação dela em relação a um professor de História. Ela, na condição de aluna, em uma sala de aula, questiona sobre a verdade histórica, mas o professor é refratário. Santana duvida da veracidade de certa historiografia, reflete sobre o autoritarismo do saber acadêmico e põe em xeque a crença em uma única verdade histórica. Aventa a possibilidade de recontar a chegada dos africanos em solo brasileiro a partir de outra ótica. No excerto a seguir, assim se narra essa possibilidade:

Além dos escravos que vieram obrigados, ninguém veio por escolha? Nenhuma rainha embarcou no navio por conta própria para acompanhar seu povo no navio negreiro? Com a missão de cuidar das pessoas pelo caminho e chegar aqui para organizar a luta? (SANTANA, 2015, p.81).

Nesta parte terceira, novamente, Santana traz relatos em que os lugares físicos não são neutros. São povoados por ideologias e preconceitos. O negro e a negra, mesmo estando em classe social materialmente abastada, e consumindo

produtos caros e bens de serviço privilegiados, são discriminados. Os cenários são inóspitos socialmente. A integração não ocorre. No trabalho, na rua, na família, nos hotéis turísticos, o racismo se faz presente. A título de exemplificação, citamos o capítulo denominado “Prevenção” em que, apesar da integração material estar segura, o povo negro continua a ser discriminado e confundido com párias sociais. O imaginário social não cessa de associar a cor da pele à criminalidade social, reforçando uma já gasta e ultrapassada visão lombrosiana. Citaremos o capítulo todo:

Pai médico, mãe advogada. Filho único, escola particular, aula de inglês e de alemão. Roupa de marca, tênis colorido, o último smartphone. Fone de ouvido profissional, desses que as celebridades exibem. Cabelo bem cortado, perfume, óculos de sol. Bom gosto de quem usa o que é bonito, sem se importar se é caro ou barato. E todo fim de tarde, quando andava pelo calçadão, quem vinha da outra mão mudava de calçada. (SANTANA, 2015, p. 93).

Essa narrativa demonstra claramente que a identidade negra vai se aclarando no embate com a cultura branca. A autora, ao trazer esse episódio, é bastante crítica, levantando a impossibilidade de convivência e diálogo nessa arena social. Embasados em Bakhtin, temos essa luta cultural que se visualiza no desencontro e encontro com o outro:

A cultura alheia só se revela em sua completude, em sua profundidade aos olhos de outra cultura (e não se entrega em toda a sua plenitude, pois virão outras culturas que verão e compreenderão ainda mais). Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia a novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. (BAKHTIN, 1992, p. 367-368).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa incursão na obra de Santana, esperamos ter contribuído para expandir os estudos sobre autoras brasileiras contemporâneas e que trazem a temática da questão negra no Brasil.

A autora, estreando na literatura com a referida obra, nos brinda com importante reflexão sobre o racismo contra os brasileiros negros e negras. Vimos que Santana nos traz as vozes do cotidiano nacional, tratando de situações dramáticas em que a discriminação racial se faz presente. São vozes advindas de eventos concretos. De onde emergem essas vozes? Das vivências da autora e da observação e da escuta da realidade. Essas falas migram da realidade para o texto literário em um processo de escrevivência a que aludimos, amparados em Conceição Evaristo. Não é um texto inventado a partir de um não lugar concreto.

As falas têm cor, têm classe social, têm faixa etária. As enunciações vão contando as lutas, as resistências, os dramas por que passam as personagens que representam seres históricos. Santana, ao formalizar e organizar esteticamente e discursivamente essas vozes, demonstra claramente que, independentemente de classe social, *status* material, formação acadêmica e formal, os negros e negras continuam a sofrer discriminação e violência em nossa sociedade. A economia nacional já não é mais escravista desde 1888, mas a cultura escravocrata perdura.

Todavia, Santana não conta uma história só feita de fracassos e vencidos, mas também de resistência, que aviva o sentido de pertencimento de classe e identidade negra. O objeto que é eleito para contar essa história positiva e identitária é o turbante colorido que, em duas situações narrativas, assume o protagonismo na história, empoderando as mulheres negras que o portam. Esse objeto é assim mencionado: “Era amarrar o pano na cabeça para se sentir conectada a uma multidão de mulheres que vieram antes dela. Conectadas pelo turbante” (SANTANA, 2015, p.54). Os turbantes têm história, memória e identidade. Diversos de objetos da indústria de bens de consumo, que são feitos para não durar, com obsolescência imediata e programada, os turbantes têm o poder de agrupar indivíduos em torno de lutas comuns.

Enfim, esta obra, com certeza, junta-se a tantas outras aqui citadas, que escritas em tempos diversos por escritores e escritoras diferentes, apresentam a mesma temática, ou seja, a da identidade negra em nosso país. Essas obras têm, cada vez mais, sido procuradas no sentido de se escrever uma outra história da Literatura Brasileira, engrossando as fileiras da luta contra a discriminação étnica em nosso país e precisam ser lidas pelos brasileiros e brasileiras. Obras que devemos fazer circular, entre nossos amados alunos e alunas no Ensino Médio e Fundamental e nas Universidades.

When I discovered myself black: Bianca Santana's inaugural work of literature

ABSTRACT

This article focuses on the literary work *When I discovered myself black* written by Bianca Santana, female black author of contemporary times in Brazil. In her debut work in literature, Santana brings the voices of others and herself from daily life, dealing with the most varied racist situations in our country. The story takes place in different scenarios (workplaces; colleges, schools, private houses; bars; restaurants; communities; streets; bookstores), bringing together characters from different social classes, thereby proving that racism is everywhere. However, the work also highlights the power of resistance of black and black characters in inhospitable society. It is portrayed that economic slavery is no longer legalized in work universe in Brazil, but the slave culture persists in our society.

KEYWORDS: Racism. Resistance. Brazilian literature. Bianca Santana.

Quando me descobrí negra: la obra literaria inaugural de Bianca Santana

RESUMEN

Este artículo se centra en la obra *Quando me descobrí negra* de Bianca Santana, autora negra de la época contemporánea. En su obra debut en la literatura, Santana trae las voces de los demás y de ella misma, lidiando con las situaciones racistas más variadas de nuestro país. El trabajo se desarrolla en diferentes espacios (academia, lugares de trabajo; casas particulares; bares; restaurantes; comunidades; calles; librerías), reuniendo personajes de diferentes clases sociales, demostrando así que el racismo está en todas partes. Sin embargo, el trabajo también destaca el poder de resistencia de los personajes negros y negros en una sociedad inhóspita. Se explica que la esclavitud económica ya no está vigente, pero la cultura esclavista persiste en nuestra sociedad.

PALABRAS CLAVE: Racismo. Resistencia. Literatura brasileña. Bianca Santana.

NOTAS

Contextos escravistas se referem ao universo econômico. No Brasil, o escravismo como sistema produtivo teve vigência durante séculos, no período de 1500 a fins de oitocentos. Embora em 1888 houve a abolição do trabalho compulsório, a cultura escravocrata perdurou, estendendo-se até o presente momento em que leis antidiscriminação e cotas raciais tentam bloquear a violência contra os negros e negras brasileiros. A literatura brasileira vem contando essa história a partir de enredos em que personagens escravizadas e que sofrem discriminação racial são protagonistas de enredos verossímeis, ou seja, representam a realidade cotidiana de nosso país. Desse modo, vemos como a escravidão cessa com a abolição oficial da escravatura, mas a cultura racista perdura, explicitando um descompasso entre a infraestrutura e a superestrutura.

2 A autora tem orientado dissertações, teses e TCCs, abordando a questão do trabalho e do escravismo em narrativas brasileiras com o intuito de dar luz a essa temática quando da investigação das obras.

3 Para se ter acesso pleno a essa perspectiva, recomendamos a leitura de dois clássicos que vão na direção da resistência: Mattoso (1990) e Slenes (2011).

4 O Complexo do Alemão, popularmente chamado de Morro do Alemão ou simplesmente Alemão, é um bairro que abriga um dos maiores conjuntos de favelas da Zona da Leopoldina, na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. A história dessa comunidade é bastante complexa e remonta ao início do século XX, sendo palco de inúmeras intervenções populares e governamentais. https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_do_Alemão.

5 Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora, ensaísta, poetisa e romancista (Belo Horizonte, 1946) cujas obras têm, cada vez mais, sido lidas e investigadas. A questão da articulação entre vida e obra é posta em várias de suas entrevistas. A título de exemplo, trazemos a seguinte passagem em que se destaca tal interação: “Então, como pessoa que sofre uma série de interdições, por ser negra, mulher, oriunda das classes populares, a cada oportunidade que me surge, não posso e nem quero me silenciar sobre esses assuntos. E creio que a minha voz, pronunciada desde “dentro” dessas experiências, adquire outro tom. Há algo que ultrapassa a compreensão intelectual.” (<https://www.bn.gov.br/es/node/1774>). Entrevista com Conceição Evaristo.

6 Djamila Taís Ribeiro dos Santos (Santos, 1 de agosto de 1980) é uma filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na Internet, atualmente é colunista do jornal Folha de S. Paulo. https://pt.wikipedia.org/wiki/Djamila_Ribeiro.

7 Complexo do Alemão, popularmente chamado de Morro do Alemão ou simplesmente Alemão, é um bairro que abriga um dos maiores conjuntos de favelas da Zona da Leopoldina, na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. A história dessa comunidade é bastante complexa e remonta ao início do século XX, sendo palco de inúmeras intervenções populares e governamentais. https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_do_Alemão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Entrevista com Conceição Evaristo. Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/1774>. Acesso em: 9 fev. 2021.

Complexo do Alemão. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo do Alemão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Complexo_do_Alemão). Acesso em: 9 fev. 2021.

GIMENEZ, Tatiana (Administrador). Dicas de leitura: Dia da Consciência Negra-35 livros. Disponível em: <https://bitlybr.com/WBvBeU9V>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MATTOSO, Katia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Djamila. Disponível em: https://wikipedia.org/wiki/Djamila_Ribeiro. Acesso em: 7 nov. 2020.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: Sesi-SP, 2015.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A Construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem. Tradução: Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido: 09/03/2021.

Aprovado: 15/04/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v15n45.13927.

Como citar: FANINI, Angela Maria Rubel. Quando me descobri negra: obra inaugural de literatura de Bianca Santana. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 12-25, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

